

A MIOPIA BRASILEIRA E O NIÓBIO

Victor Magno Gomes Paula,

graduando em Engenharia Elétrica pela UFJF

Membro do Centro de Pesquisas Estratégicas

“Paulino Soares de Sousa” da UFJF

victor.magno@engenharia.ufjf.br

O nióbio é um metal dúctil, cinza brilhante, que passa a adquirir uma coloração azulada quando em contato com o ar em temperatura ambiente após um longo período. Este elemento apresenta numerosas aplicações. É usado em alguns aços inoxidáveis e em outras ligas de metais não ferrosos. Estas ligas devido à resistência são geralmente usadas para a fabricação de tubos transportadores de água e petróleo a longas distâncias, bem como na indústria nuclear, em soldas elétricas, jóias e em superligas para fabricação de componentes de motores a jato, subconjuntos de foguetes, ou seja, equipamentos que necessitem altas resistências a combustão.

As propriedades deste elemento são muito especiais, dentre as quais se destaca a capacidade de se converter num supercondutor quando reduzido a temperaturas criogênicas, o que coloca este elemento na vanguarda das novas tecnologias de transmissão de energia, uma vez que pode conduzir corrente sem resistência nem perdas, funcionando também como um diamagnético perfeito. Além do uso na indústria de equipamentos elétricos, há emprego deste metal na de transportes (trens de alta velocidade que usam a tecnologia de levitação), dentre outras aplicações.

É facilmente perceptível a importância deste metal na indústria de alta tecnologia e, por obra da natureza, nosso país foi agraciado com as maiores jazidas mundiais deste elemento estratégico. Não seria mais surpreendente tal fato, se no Brasil não estivessem nada mais que 97% de todo o nióbio do planeta (os outros 2% estão na Rússia), e mais surpreendente ainda é saber como é definido seu preço de comercialização. Contraditoriamente, não é o Brasil (único fornecedor mundial do produto) e sim a Bolsa de Metais de Londres, Inglaterra, que tem um preço médio do metal 100% puro de US\$ 90 por quilo, claramente muito aquém do valor que esse metal tem e sua importância para

as indústrias da Europa, Japão e EUA, maiores consumidores de nióbio cujo fornecedor exclusivo é o Brasil.

Os fatos relatados mostram a visível falta de visão estratégica que temos ainda no Brasil. O caso da OPEP pode ser aqui lembrado: um clube de poucos decide o preço de seu principal produto de exportação; um cartel, no sentido literal da palavra. O Brasil também deveria ter o cartel do nióbio, impondo seu preço final. Nada mais obvio. Mas, pela atual mobilização nacional em torno do tema, que é quase inexistente, nem todos pensam assim. Em tempo, o Brasil despreza uma de suas grandes riquezas por falta absoluta de visão estratégica de longo prazo, enquanto os países mais desenvolvidos do mundo compram nosso nióbio, o estoca para o futuro e faz dele insumo de suas mais avançadas tecnologias.

Esse subfaturamento no valor do nióbio já causou ao nosso país bilhões e bilhões de dólares de prejuízo. A alguém este prejuízo é rentável. Quem pensou em uma multinacional, acertou. Estamos sendo explorados por estrangeiros, nas “barbas” do governo e este, por motivos ignorados, prefere não se pronunciar a respeito deste crime contra o país. Estamos fazendo uma doação de nossas riquezas para o exterior e poucos estão vendo. O metal, tão precioso hoje para as grandes potências modernas, como o ouro foi para as potências coloniais dos séculos XV e XVI, move as indústrias aeronáuticas e espaciais destes países, bem como outras de alto valor agregado, ou seja, de alta tecnologia. Nós, maiores exportadores, lhes vedemos o metal por um preço insignificante para que posteriormente nos vendam seus produtos industrializados cujo preço ganha fatores de multiplicação muitas vezes maiores que o preço inicial da matéria prima.

Não bastando tudo isso, localiza-se na região amazônica as maiores reservas deste mineral, mais especificamente na hoje já demarcada reserva indígena Raposa - Serra do Sol. Esta reserva, no norte do Estado de Roraima, foi demarcada continuamente em um grande território onde moram apenas (em termos relativos ao território que ocupam) 15000 indígenas e todos os ditos "brancos" foram retirados de suas terras onde produziam e moravam há muitos anos.

A vigilância desta área é vital. Não só por causa do nióbio e outros minerais, (dentre o quais, grande quantidade de urânio) que ali se encontram ou seu potencial energético por meio da já planejada Usina Hidroelétrica de Contigo que se instalaria na mesma região, mas pela visível e ostensiva presença de ONG's internacionais cujas atividades não foram bem esclarecidas até hoje. O Supremo Tribunal Federal, em decisão terminativa, impôs acertadamente à essa região a obrigatoriedade de permitir a entrada de tropas militares e da Polícia Federal brasileira sem a autorização dos representantes indígenas ou seus designados. Tal medida desagradou principalmente a estas ONG's internacionais. Qual seria o motivo deste descontentamento? Há quem diga que o objetivo de tais Organizações estrangeiras é incentivar, a mando dos governos de seus respectivos países, que tais terras sejam declaradas independentes do Brasil, para que em uma eventual intervenção internacional com apoio de órgão internacionais como os “Capacetes Azuis” da ONU, esta seja elevada ao patamar de país independente deixando um caminho livre para a exploração de suas riquezas naturais ali depositadas pelos países

incentivadores de tal "plano" e suas transnacionais.

O temor aumenta quando constatamos que em 2004 foi assinado pelo Brasil - e só por ele em toda a América do Sul - a “Declaração dos Direitos dos Povos Indígenas” da ONU, que aceita que territórios indígenas declarem-se nações independentes que, em nosso caso, tudo seria prontamente aceito pela comunidade internacional sob o pretexto de que “escutam os reclamos de povos oprimidos” e, obviamente, das ONG's que os representam. Estaríamos vendo nascer portanto, a mais nova nação do mundo e não faltariam defensores, inclusive por via militar, de tal iniciativa. Há que se denunciar urgentemente este absurdo tratado via Itamaraty. Indígenas estão sendo enviados a países do dito “primeiro mundo” para cursarem o ensino superior. Dominação intelectual? Ora, muito mais fácil se ter um país independente na fronteira norte do Brasil do que no meio do Estado de Minas Gerais, na região da bela e histórica Araxá, onde se localiza a segunda maior concentração de nióbio e outros metais preciosos do país.

A Estratégia Nacional de Defesa dedica importância ímpar à região Amazônica. Obvio é esperar que a riquíssima região da reserva indígena Raposa-Serra do Sol seja tratada com prioridade máxima na proposta do Ministério da Defesa. A faixa de fronteira, que não foi preservada pela determinação do Governo Federal ao demarcar a reserva, deve ser restabelecida e vigiada por meio dos esperados recursos advindos do documento estatal. A riqueza sob e sobre a região Amazônica é muito grande. Talvez, nós brasileiros das regiões mais ao sul do país não tenhamos a verdadeira dimensão de tais recursos, mas isso não nos exime de sermos responsáveis e cobrar a quem é de direito tomar decisões, na proteção dos recursos naturais de nosso país em benefício único e exclusivamente do povo brasileiro, bem como a garantia da integridade territorial e da soberania nacional.

<p><i>“Em Roraima, como em várias áreas da Amazônia, o nióbio aparece sob a forma de pelotas de "columbita", que sempre aparecem misturadas com a tantalita. Já o nióbio dos "Seis Lagos" não aparece em associação com o Tântalo, mas com o Rutilo, o mais valioso dos minérios de titânio, que também tem grande afinidade com o nióbio. É comum a presença de 32% de Nb₂O₅ contidos no Rutilo (TiO₂). Nesses casos o rutilo ainda contém 23,5% de Ta₂O₃ (Estruverita). Todavia, não é frequente a presença simultânea dos dois minérios, nióbio e rutilo separados”.</i></p> <p>(Almirante Roberto Gama e Silva)</p>	<p><i>“Tenho motivos para acreditar na existência de Nióbio em Roraima (inclusive na região da Raposa-Serra do Sol). Ele existe no Pitinga (AM), quase na divisa, e suponho que seja a mesma estrutura do Caborí, estrutura cujo rompimento tectônico teria permitido a inflexão do (rio) Tacutu para o Oeste”. (O Tacutu, um dos formadores do rio Branco, é um rio brasileiro do estado de Roraima que divide, em um trecho, o Brasil da Guiana). “Como superintendente da Abin em RR tive vários informes de contrabando, possivelmente de Nióbio, nunca completamente confirmados”.</i></p> <p>(Coronel Gélio Fregapani)</p>
---	---